

# “Meu nome é Jorge”

POR PEDRO SANTOS

Jorge andava de moto pelas vielas do morro. Acelera, freia e acelera outra vez. Nos caminhos pedregosos da comunidade Chico Mendes, em Florianópolis, não dá para andar muito rápido, o que naquele dia não era um problema já que ele não estava com pressa para chegar à casa do tio. Ao dobrar uma esquina, escutou o estrondo provocado por três tiros. Quando chegou perto da cena do crime, um desespero como nunca mais sentiria na vida dominou sua mente.

De longe, viu um homem ensanguentado, ainda com vida. Saiu correndo e, à meia distância, reconheceu que o menino caído era seu irmão. Os choros e gritos que se amontoavam ao redor da cena do jovem de 16 anos sangrando no asfalto ecoaram como um silêncio sem fim na cabeça de Jorge. Instantaneamente lhe subiu um sentimento de ódio profundo. Ódio porque sabia que seu irmão tinha sido morto por engano, porque sabia que os assassinos eram traficantes do morro rival e porque tinha certeza de que coisas piores iriam acontecer.

A revolta aumentou quando, um ano depois, a mãe de Jorge morreu em decorrência de uma depressão profunda gerada por causa da morte repentina do filho mais novo. No pior momento de sua vida, Jorge decidiu abandonar o tráfico de drogas, atividade que exercia há três anos e que já havia lhe rendido cerca de cinquenta mil reais.

Bem antes ver sua família e seu futuro modificados para sempre, Jorge empinava pipa todo dia com a destreza de quem já perdeu muitas pipas pelos céus do lugar onde morava. A comunidade Chico Mendes, que fica na parte continental da capital catarinense, até bem pouco tempo atrás era conhecida como o local mais perigoso da cidade. E foi nesse lugar que Jorge cresceu, em uma casa com 11 pessoas, incluindo os dois irmãos, a mãe e a avó.

Qualquer jovem, no meio da favela, conhece o movimento. E Jorge não era inocente a ponto de ignorar que o homem alto de cabelos grandes e bagunçados que chegava para soltar pipa com ele naquele dia de sol era Valderrama, chefe do tráfico de drogas no morro.

- Aí, Portela, vamo em uma hoje?

- Vam´bora.

Colocaram cerol juntos e mandaram as pipas para o alto, cortando outros guris que, sabendo quem era o dono da pipa principal, deixavam para lá as rabiolas perdidas. Sempre conversavam, uma conversa amistosa e respeitosa, sobre diversos assuntos – mulher, futebol, gente da comunidade -, mas nunca sobre o tráfico de drogas.

Enquanto isso, “no asfalto” do centro de Florianópolis, Jorge distribuía currículos em propostas de emprego que ele lia no jornal ou que amigos o indicavam. Geralmente para o setor de almoxarifado ou para caixa de supermercado. Nas mais de dez tentativas, a história foi sempre a mesma. Ele entregava o currículo, às vezes até fazia algum teste e respondia bem a entrevista. Mas na hora da contratação, a pergunta era fatal:

- Onde você mora?

Ao que ele respondia “Chico Mendes” para ver o empregador, constrangido, rebater:

- Ok. Você foi bem. Nós vamos analisar e te ligamos depois.

Para nunca mais telefonarem de volta.

Nos pontos mais altos da Chico Mendes, vinte pipas depois, Jorge arrisca a tocar no assunto sobre o qual levou dias refletindo.

- Eu queria trabalhar, Valderrama. Queria ser vendedor.

Sem ressaltos, o traficante pergunta, quase inocentemente.

- Vendedor do que?

- Tu sabe.

- Sei?

- Quero entrar no negócio.

Na mesma semana, ele deixou de ser mais um jovem da comunidade para ser gerente do tráfico.

\*\*\*

Aos 17 anos, Jorge trabalhava como nunca trabalhou na vida. A rotina começou com revenda de droga. Em pouco tempo, ele ganhou a confiança de Valderrama e assumiu a gerência do próprio negócio.

A administração da venda era de inteira responsabilidade de Jorge. De 50 gramas de cocaína pura que ele adquiria do traficante dono do negócio, ele transformava em 80 gramas com bicarbonato de sódio. No esquema do tráfico, tinha pó de cinco, de dez, de quinze e de vinte, só que o de quinze e o de vinte era praticamente a mesma coisa. Só para enganar o comprador.

Foi assim que, depois de alguns meses, ele fez mais dinheiro do que sua mãe jamais alcançou como empregada doméstica em bairros de madame.

Mas mesmo com o soldo limitado de empregada doméstica, a mãe de Jorge lhe dava mesada e insistia para o filho largar o tráfico. Ela, que ganhava R\$ 400 por mês, oferecia R\$ 250 para que ele largasse a vida criminosa.

Só que ele não largou. Aconteceu que os negócios foram ficando cada vez melhores e Jorge comprou, à vista com dinheiro vivo, uma casa ali mesmo na comunidade. Morando sozinho, sem os constrangimentos que oferecia à família, Jorge passou a trabalhar todos os dias, das 10h às 3h da manhã.

Na boca, onde não parava de chegar viciados interessados na “cocaína do Portela”, tinha gente que trocava vídeo-game e televisores por uma porção de cocaína que não valia mais de dez reais.

Um dia, um viciado que já era cliente de Jorge, não tinha dinheiro para pagar a droga que consumiu. Jorge andava armado com uma pistola *Taurus* 380 que dava 21 tiros sem engasgar. Apesar disso, ele não era do tipo que matava os clientes inadimplentes. Sempre tentava negociar. Foi quando o cliente, sem constrangimento, lhe ofereceu serviços sexuais pela droga.

- Saí daqui, seu filho da puta. E não volta nunca mais. Eu não vendo mais para você. Viado de merda.

Jorge o expulsou da comunidade sem precisar dar nenhum tiro, mas também não recebeu um centavo.

Tempos depois, outro viciado foi à boca, se drogou e se surpreendeu ao não ter dinheiro no bolso. Tentando negociar, o sujeito ofereceu a própria filha em troca pela droga.

Essas histórias mostraram a Jorge o absurdo da dependência e a indignidade de quem comercializa a própria filha em troca de pó. Tratando com a realidade do morro, bem diferente da realidade mostrada nos noticiários, Jorge viu a droga escravizar todos os usuários que conheceu. Para quem perguntava por que Jorge não consumia drogas, ele sempre respondia que não poderia se tornar refém de um vício que, afinal de contas, era seu negócio.

E veio a guerra. E Jorge considerou, pela primeira vez, terminar a relação com o tráfico antes que o tráfico acabasse com ele.

\*\*\*

Durante um ano, entre 2005 e 2006, os traficantes de comunidades vizinhas do morro Chico Mendes travaram uma guerra pelo controle do negócio com as favelas de Novo Horizonte e de Monte Cristo, todas na região continental de Florianópolis. A violência alcançou tal nível de banalização que bandidos de um lado distribuíam disparos aleatórios de metralhadora contra pessoas do morro vizinho que estavam simplesmente passando pela rua. Em pouco tempo, ninguém mais lembrava o que havia originado aquela guerra. Os itinerários de estudantes trabalhadores eram modificados a todo o momento para evitar caminhos perigosos entre os bairros. Foi uma época em que o tráfico de drogas se estabeleceu com força na capital catarinense em uma disputa que não poupava ninguém.

Foi no começo da guerra que Jorge decidiu sair do tráfico. Ele já estava cansado do alto risco do trabalho. De fato, como lhe prometeram os amigos traficantes, ele ganhou dinheiro, era reconhecido na rua e saía com várias mulheres. Depois de entrar para o crime, Jorge nunca mais foi rejeitado por nenhuma garota. Mas ele percebeu que tudo teria um preço: morte ou cadeia. E com a guerra atingindo níveis crescentes de barbárie na comunidade, ele sacou que a história com o tráfico de drogas teria vida curta.

Alheio à guerra sem limites, Jorge passava todo o dia em uma escola de ensino médio do bairro. De manhã ele ia para paquerar as alunas. O mesmo acontecia durante a tarde. Parecia

que as estudantes, até mais do que outras mulheres da comunidade, se apaixonavam pelo charme que a arma na cintura dava ao garoto de 17 anos, com pinta de chefe do tráfico de drogas de toda Santa Catarina.

Depois de várias namoradas, Jorge se lembrou do motivo porque procurou a escola: precisava de proteção.

Ele entregou para a diretora uma lista com 27 nomes de pessoas que estavam marcadas para morrer, incluindo o próprio Jorge. A diretora entrou em contato com projetos sociais para tentar retirar os 27 nomes da lista da morte anunciada.

Havia um projeto social na cidade que estava ganhando cada vez mais adeptos. Era o “Procurando Caminho”, projeto desenvolvido pelo padre Vilson Groh, cidadão honorário de Florianópolis e conhecido como militante de causas sociais. A finalidade dessa nova idéia era tirar jovens do narcotráfico por meio de atividades esportivas, principalmente o surfe.

A maioria daqueles 27 garotos criminosos virou aluno. De gerente do tráfico de drogas, Jorge se tornou articulador de projetos sociais. Sua nova função era angariar mais e mais adolescentes envolvidos com as drogas para, por meio de esportes radicais, recomeçar a vida longe do crime.

Só que fora das salas do projeto social, a guerra corria solta. Como articulador, Jorge andava muito pelas comunidades e conversava com muita gente, sempre sem o conhecimento dos chefões do tráfico. E era parte desse trabalho andar em outros morros sem ser identificado.

Até que um dia os líderes criminosos da comunidade Monte Cristo reconheceram a figura de Jorge Portela e o julgaram como líder comunitário do morro rival. Pensando que ele era uma espécie de espião, um “leva e traz” de informações estratégicas sobre o funcionamento do tráfico na região, os chefes armaram uma emboscada. Jorge estava conversando com amigos em uma igreja no Monte Cristo quando um carro parou à meia distância. Duas pistolas automáticas começaram a cuspir bala em direção ao grupo de garotos, que tentaram fugir. Jorge foi um dos feridos. As marcas dos três tiros na perna esquerda lhe ensinaram a não sair mais da Chico Mendes enquanto durasse a guerra entre os morros.

\*\*\*

Quando se recuperou dos tiros na perna, Jorge vendeu sua pistola para um traficante qualquer. Ele havia comprado a arma por R\$ 800, vendeu por R\$ 2000, e largou a vida do crime de vez. Mas as notícias do crime não o deixavam. Os amigos de Jorge começaram a ser executados.

Primeiro foi Éder. Quando estava jogando sinuca com alguns amigos em um buteco da região, uma senhora surgiu com a respiração ofegante e anunciou.

- Mataram o Éder!

Os colegas de Jorge, talvez já acostumados às notícias frequentes de novos mortos na comunidade, continuaram o jogo, como se nada tivesse acontecido. Jorge passou mal e não conseguiu fazer nada, a não ser refletir solitário, por toda aquela noite.

Depois foi a vez de Giovane, amigo de Jorge que foi executado com um tiro à queima-roupa na cabeça.

E então veio o assassinato do irmão e a morte da mãe.

Aos 16 anos, o irmão de Jorge, estagiário que trabalhava com montagem de peças em uma fábrica, teve a vida interrompida por uma guerra que ele nunca entendeu.

A imagem do irmão agonizando no chão e o flashes do ano em que a mãe se afundou em uma depressão profunda que a levou à morte assombram o pensamento de Jorge Portela até hoje. De vez em quando ele acorda no meio da noite com o pesadelo real que tomou conta da vida dele para sempre, uma época em que ele decidiu nunca mais morar na Chico Mendes. Todas as vielas, as imagens das casas improvisadas, os postes e até os cães que vagam soltos na rua traziam lembranças negativas. O lugar em que Jorge cresceu é o lugar que persegue suas memórias. A revolta e o sentimento de autodestruição que se seguiu por muitos anos só não foram mais fortes do que a certeza de que de nada adiantaria fazer vingança. O mal já estava feito e para Jorge nada mais restou do que um imenso vazio.

\*\*\*

Então ele refez o plano de vida.

- Nunca gostei de apelidos. Chegaram a tentar me chamar de “J.R.” , eu era conhecido por todo mundo como Portela, mas faço questão de dizer que meu nome é Jorge.

Escolheu mergulhar no projeto “Procurando Caminho” e nos estudos para ajeitar um curso na vida que ele acreditava ter se desviado muito tempo atrás, quando empinava pipa com o dono do tráfico.

Estudou Administração e foi contratado para ajudar a administrar o projeto que de certa forma lhe indicou a saída para o crime.

A guerra entre as comunidades acabou, segundo dizem, depois de um acordo entre os chefões do tráfico. Os líderes de não muito tempo atrás foram totalmente substituídos. E Jorge continua buscando jovens envolvidos com o narcotráfico para os convencerem a usar a adrenalina para esportes radicais e projetos sociais.

Às vezes, quem conta histórias, qualquer tipo de história, acaba colocando a vida de uma pessoa como se fosse uma linha do tempo e transformando todos os acontecimentos em relações íntimas de causa, efeito e cumplicidade. Jorge não pensa muito nisso. Não sabe dizer se acredita em destino ou coisas que eram para acontecer. Mas tem certeza de que a mãe, a avó e o irmão estão sempre ao seu lado. No braço direito ele mandou tatuar suas memórias da vida: o nome da avó Leonora, da mãe Dejanira e do irmão: “Marcos – saudades”. No pescoço, em caracteres em japonês está escrito a mensagem que não teve tempo de dizer ao irmão: “amor eterno”.